

[1]

— capa

Último quartel do século XIII

O rio Lima no códice florentino das *Cantigas de Santa Maria*

Biblioteca Nacional Central de Florença,
Banco Rari, Ms. 20, fl. 68.

Miguel Ayres de Campos Tovar^[*]

Representação sumária e estilizada das águas do Lima numa vinheta incompleta do códice florentino das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, ilustrando a cantiga 245, “Do que en coita de morte”. Passado “en Riba de Limia”, o episódio aí contado versa sobre as desventuras dum viandante aprisionado por fidalgos extorcionistas em Castelo de Neiva e salvo por miraculosa intervenção da Virgem, que o entregou à proteção dos monges beneditinos de São Salvador da Torre. Este cenóbio, fundado no início do século X pelo o presor asturiano Paio Vermudes, gozou de um importante património fundiário legado por este caudilho, e deixou uma profunda marca na paisagem medieval das redondezas, rentabilizando o território e dinamizando a sua economia; sob a sua tutela estava também a barca que neste lugar atravessava o Lima, converten-

do-o em ponto de passagem de apreciável dinamismo. O manuscrito onde se contém esta e outras ilustrações da pequena narrativa foi produzido na corte castelhana pelo início da década de 1280, tendo sido deixado interrompido, com toda a probabilidade, em resultado da morte do monarca em 1284.

[*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[2]

— pp. 10-11

Década de 1870

Largo da Regeneração em Ponte de Lima

Colecção de Amândio de Sousa Vieira

Adelino Tito de Moraes^[*]

Perspectiva obtida desde o alto da Lapa, com toda a probabilidade ainda na década de 1870, sobre aquele que era ao tempo o largo da Regeneração, historicamente designado largo do Souto e de presente crismado em memória do jurisconsulto e político limiano Dr. António de Magalhães Barros de Araújo Queirós (1838-1888). Entre os monumentos entretanto desaparecidos ou adulterados vê-se no quadrante inferior da direita a capela quinhentista de S. Sebastião, demolida em 1882, bem como

um lanço do escadório e calvário que a la-deava. Aquele que veio a ser o casarão do juiz Dr. José Manuel de Brito Cício, fechando o largo a norte, ainda não havia sido por este remodelado, nem edificado muito do casario que veio a rematar a orla oposta do espaço. Ao centro avulta o notável chafariz seiscentista, que só viria a ser transplantado para a sua actual localização em 1926. Um pormenor valioso no quadrante superior esquerdo, do lado de lá do Lima, é aquela que supomos ser a única representação fotográfica com alguma nitidez da velha casa da Freiria, magnífica morada senhorial dos Furtado de Mendonça e Meneses, antes da sua aquisição e integral reconstrução pela família Vieira Lisboa.

[*] Investigador independente.

[3]

— pp. 234-235

c. 1805

Painel de azulejos figurando a doação do condado de Refoios por D. Mendo (detalhe)

Casa Norton de Matos, Ponte de Lima

António da Cruz Dias^[*]

Um de vários painéis azulejares ao gosto neoclássico figurando episódios da história do cenóbio de Refoios do Lima removidos aquando da tutela do imóvel pela família Mendes Norton, depois Norton de Matos. Aqui representa-se, de modo fantasioso, o acto seminal que foi a outorga do condado de Refoios pelo conde D. Mendo e sua mulher Gontinha, a título de couto monástico, aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, na pessoa do seu irmão o prior D. Pedro. A comunidade religiosa havia sido aqui estabelecida por desígnio do pai de ambos estes personagens, o célebre Afonso Ansemondes, que fundara o mosteiro no primeiro quartel do século XII. Produzidos em Lisboa na Real Fábrica de Louça, ao Rato, ao tempo encabeçada pelo mestre Francisco de Paula e Oliveira, estes painéis inseriam-se num programa azulejar muito mais vasto, tanto historiado como decorativo, encomendado pelos cónegos para diversos espaços do conjunto arquitectónico pelo raiar do século XIX. A série que este espécime integrou reparte-se hoje entre a posse da família Norton — nesta sua casa e na do Baganheiro, na Queijada — e a notável colecção do Museu Berardo, em Estremoz.

[*] Investigador independente.

[4]

— pp. 302-303

*Luís Figueiredo da Guerra,
finais do século XIX ou inícios do XX*

Cruz processional na igreja de Santa Cruz do Lima

Arquivo Municipal de Viana do Castelo,
Fundo Figueiredo da Guerra, mç. 885, doc.
sem cota individual atribuída

Miguel Ayres de Campos Tovar^[*]

Esboço realizado pelo magistrado e antiquário vianense Dr. Luís Figueiredo da Guerra (1853-1931) de uma cruz processional ao tempo existente na igreja paroquial de Santa Cruz do Lima. A peça, cujo paradeiro actual desconhecemos, filia-se patentemente num modelo gótico, caracterizado pelos terminais em flor-de-lis, ainda que a popularidade de tal desenho se tenha mantido até ao século XVI. O registo insere-se no notável e vastíssimo espólio de apontamentos e desenhos deixado por Figueiredo da Guerra enquanto fruto das suas perambulações pelo Alto Minho, ainda carecido de catalogação apropriada, notável por documentar uma grande variedade de pormenores artísticos ou de recheio de monumentos entretanto adulterados ou destruídos, bem como fontes arquivísticas por si consultadas

em acervos eclesiásticos e particulares hoje dispersos.

[*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[5]

— pp. 324-325

Finais do século XIX

Largo de Camões em Ponte de Lima

Colecção de Amândio de Sousa Vieira

Miguel Ayres de Campos Tovar^[*]

Vista parcial do largo de Camões, em Ponte de Lima, tirada de ponto não distante da embocadura da velha ponte, apercebendo-se (apesar da presença de iluminação pública) o que parece ser o aspecto ainda inacabado do arranjo urbanístico do recinto. À direita sobressai a capela de Nossa Senhora do Rosário, sede de uma veneranda confraria do mesmo título, que desde tempos imemoriais saudava quem entrasse na vila por esta via. Com origens que Miguel Roque dos Reis Lemos faz remontar ao século XV, com base em documentação por si consultada no sumido arquivo da quinta da Fernandeira, foi reconstruída na centúria de setecentos com dinheiros de beneméritos locais e demolida em 1903 no

âmbito de um projecto de regularização e alargamento das artérias circundantes. Adossada na direcção do tabuleiro vê-se a casa da guarda edificada em 1847 por acordo entre a Câmara e a irmandade tutelar a fim de se poderem alojar, quando necessário, os agentes da ordem pública mobilizados para controlar este acesso.

[*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[6]

— pp. 332-333

1926

Construção da capela da estância do Monte da Madalena, em Fornelos

Colecção de Amândio de Sousa Vieira

Miguel Ayres de Campos Tovar^[*]

Raro registo fotográfico da edificação da capela que veio a ser consagrada a Santa Maria Madalena no cimo do monte hoje conhecido pelo mesmo nome em Fornelos (outrora dito *das Santas*), em substituição de outra muito antiga que se achava aruinada. Integrando o parque e estância de lazer aí concebidos por um número de limianos ilustres de então, o templozinho cujo levantamento aqui se documenta foi

edificado de raiz, mas adquirido — por intermédio de António de Araújo Mimoso — aos proprietários da quinta da Boavista, em Moreira do Lima, cujo solar se vinha afundando na mais desoladora ruína. Realizada a compra em 1926, por 4.500\$00, coube a um grande contingente de lavradores de Moreira, Sá, Santa Comba e Bertandos, mobilizados pelo mesmo fidalgo, desmantelá-la e transportar a sua pedraria em carros de bois para a nova localização. Foi só a 22 de setembro de 1930, contudo, provida de um novo retábulo e de artísticas imagens, que veio a receber a bênção do altar. A invocação original, de São Vicente Ferrer, é ainda traída pelo texto, hoje muito delido, das duas cartelas que lhe ornaram a fachada.

[*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[7]

— pp. 344-345

c. 1990

É do Vale com uma das suas criações

Colecção particular, São Martinho da Gandra

João Barbosa^[*]

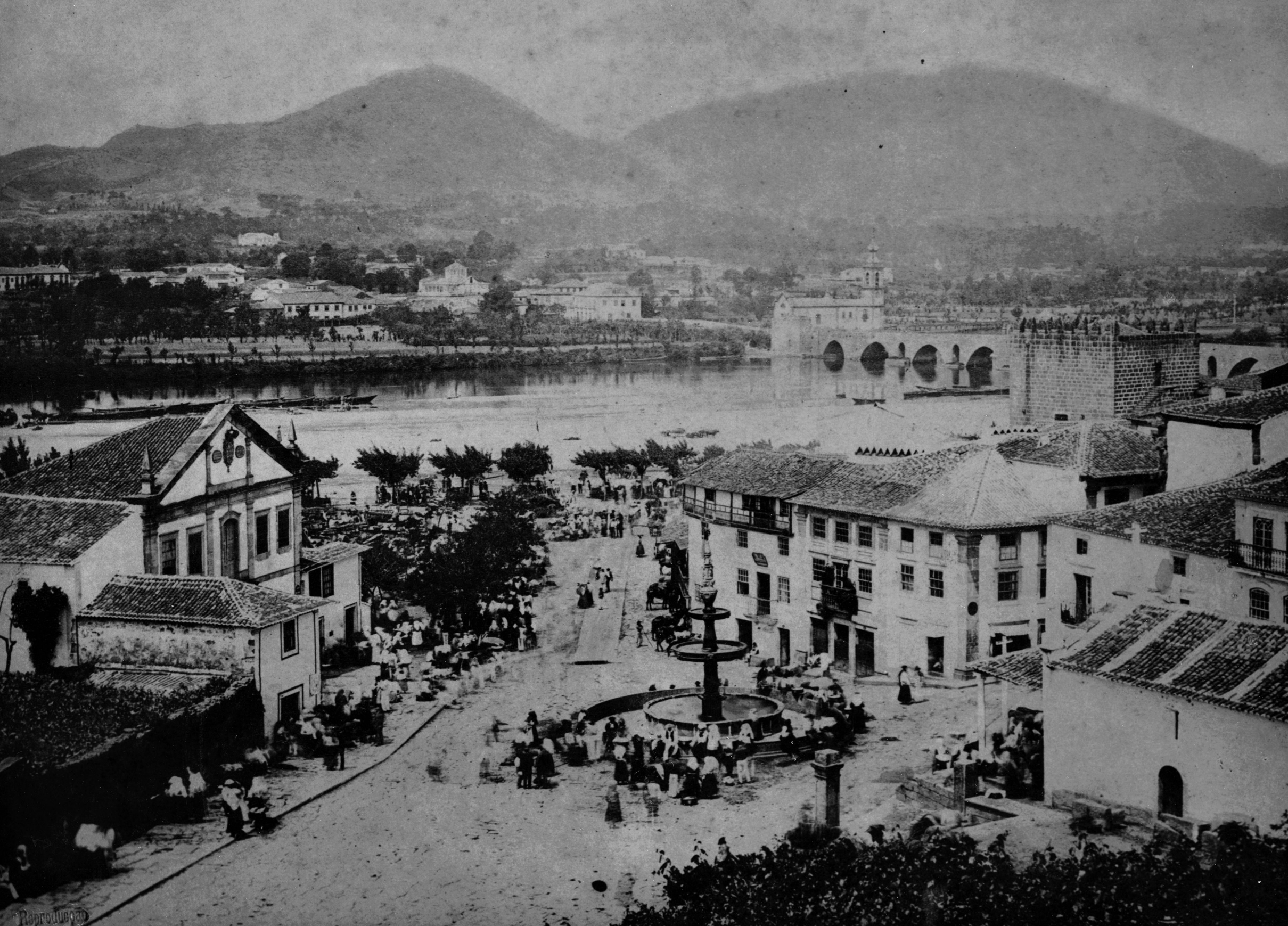
O talentoso artesão e artista popular José de Araújo Dantas (1923-2005), in-

variavelmente conhecido entre os seus conterrâneos como *Zé do Vale* por ter vivido muitos anos na quinta do Vale, em Beiral do Lima, surge nesta fotografia montado numa criatura fantástica da sua lavra, concebida a partir de um tronco de árvore. Dotado desde tenra idade de uma enorme facilidade para o trabalho da madeira e senhor de uma imaginação por todos admirada, era filho de José Dantas, lavrador, natural de Santa Cruz do Lima, e de sua mulher Maria de Jesus Araújo, dita *Maria da Corredoura*, tecedeira, de São Martinho da Gandra. Não frequentou a escola, mas o seu espírito vivaz e a sua curiosidade filosófica traíam uma inteligência irrequieta, cultivada livremente de modo autodidata — traço que, no pequeno meio da freguesia, lhe valeu alguns dissabores com a autoridade eclesiástica e civil. Ao longo da vida produziu uma vasta e variada obra, compreendendo esculturas, peças de mobiliário, miniaturas de monumentos e outras criações, mas também grande número de pasquins e folhas volantes, quase sempre em tom jocoso ou polémico. Trata-se de um legado valioso, que bem mereceria uma exposição pública, evocativa do seu saudoso criador.

Síglas institucionais usadas neste número

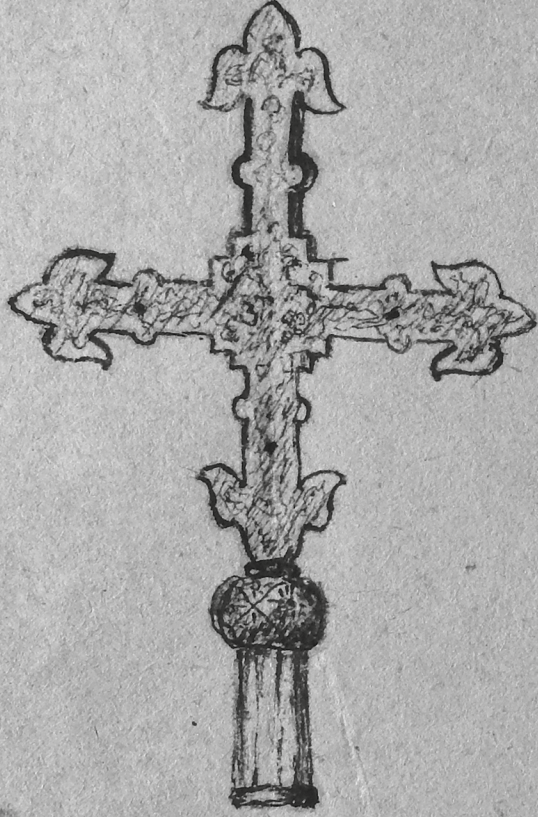
- ADVC — Arquivo Distrital de Viana do Castelo
- APH — Academia Portuguesa de História
- CEC — Centro de Estudos Clássicos
- CEH — Centro de Estudos Históricos
- CEPESE — Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade
- FLUL — Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- FLUP — Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- ICS — Instituto de Ciências Sociais
- IEM — Instituto de Estudos Medievais
- IHC — Instituto de História Contemporânea
- IN2PAST — IN2PAST: Associate Laboratory for Research and Innovation in Heritage, Arts, Sustainability and Territory
- NOVA FCSH — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- UC — Universidade de Coimbra
- UCP — Universidade Católica Portuguesa
- UE — Universidade de Évora
- UM — Universidade do Minho
- UP — Universidade do Porto

[*] Investigador independente.





Cruz de Santa Cruz, de cobre
brazado, con esmaltes.



hoja de Dr. Luis Agustín Olvera,
dada 1898.







